



Fricções entre a obra Velcro e a visibilidade lesbiana nas Artes Visuais

Frictions between Velcro work and lesbian visibility in the Visual Arts

Leila Pessoa Bechtold

ORCID: 0000-0002-1021-8180

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Resumo

O escopo desta produção abarca o trabalho Velcro (2021), compreendendo seu processo, performance e registro. Buscando ressoar trabalhos lesbianos nas artes visuais, apresenta-se a narrativa do processo, seguido de reflexão sobre o desenvolvimento da obra. Durante a busca de referências para este processo percebeu-se a importância de um cenário artístico e político com pautas lesbianas.

Palavras-chave

Escritos lesbianos. Narrativas. Velcro.

Abstract

The scope of this production includes the work Velcro (2021), comprising her process, performance and recording. Seeking to resonate lesbian works in the visual arts, the narrative of the process is presented, followed by a reflection on the development of the work. During the search for references for this process, the importance of an artistic and political scenario with lesbian guidelines was perceived.

Keywords

Lesbian writings. Narrative. Velcro.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46
Jul/Dez 2021
e-ISSN: 2179-8001

Introdução

O impulso de elaboração do trabalho *Velcro* primeiramente se colocou pelo acontecido no mês de junho deste mesmo ano, o estupro coletivo de um jovem homossexual de 22 anos, que foi tatuado a força, na capital no estado no qual residimos, Santa Catarina. O crime afetou e afeta a nossa integridade enquanto pessoa, nos colocamos no lugar da vítima em diversos momentos, que além de sofrer um crime de ódio, sofreu homofobia de diferentes formas. Marcas de um país que não compreende onde nós estamos e nem de onde viemos, que retorna a seus dias de repressão, aprovado por seu governo que abertamente flerta com o período ditatorial e toma-se de intolerância.

Sucessivamente adentramos o mês do Orgulho LGBTQIA+, e há alguns meses sentimos a vontade de repercutir a vivência lesbiana. Ponto muito pertinente em nossas vidas, conversas e trabalhos acadêmicos, o propósito se deu de forma que a ideia se materializasse, para fortalecer o cenário no qual fazemos parte e pouco vemos esse espaço ser ocupado neste mês, nos colocamos.

O ponto culminante a esta obra foi o convite de expor na Sala Edi Balod, Espaço de Exposições e Laboratório de Artes Visuais, vincula-se aos Cursos de Graduação em Artes Visuais Bacharelado e Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc – Criciúma/SC. No projeto “Parece se tratar de arte”, no qual havia doze artistas e coletivos integrando o projeto artístico-curatorial. A temática era livre, de acordo com o que cada artista desenvolvia.

Deste modo, enviamos a proposta e os materiais necessários, para ser realizado pelas colaboradoras da Sala. Entendendo o contexto pandêmico que estamos desde de março de 2020, até a data de entrega deste artigo. A proposta era expor virtualmente, para que o público, mesmo de longe, pudesse interagir e acompanhar os trabalhos.

O estudo lesbiano¹, a partir da arte contemporânea, é o enfoque deste escrito, possibilitando discutir e expor a temática na prática conjunto a teoria. A discussão da palavra lésbica e suas ramificações adentram esse trabalho de forma que se solidifique uma indetidade, que compreende o peso histórico da palavra e suas conquistas diante da sociedade atual acadêmica.

A palavra

Através de conversas nos percebemos muito fixadas no gesto violento da tatuagem feita à força, como indicado anteriormente. Como quando marcam o gado para contabilizar posses em fazendas e matadouros. Aquela tatuagem feita no rapaz era também um letreiro, não compreendo o que leva a tal gesto, entretanto, uma marca como esta demonstra um significado a ser lido a quem interessar. Importante perceber que o uso das palavras tatuadas se colocavam no sentido pejorativo: eram homofóbicas.

1- Estudo que abrange trabalhos lésbicos, a partir de uma visão lésbica.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46
Jul/Dez 2021
e-ISSN: 2179-8001

Chamar um homem homem homossexual, de “viado”, por exemplo, quando se é uma pessoa heterossexual atrelada a uma cultura normativa pode ser lido como uma ofensa. Diferentemente, se esta palavra é utilizada hipoteticamente de um homem homossexual para outro pode não haver ofensa. É através deste raciocínio que de modo similar entre mulheres lésbicas, meu campo de estudo, não se considera ofensivo nomear outra pela palavra sapatão.

No livro *Frente e verso: visões da lesbianidade*, escritos originalmente para o site Parada Lésbica uma das coautoras Laura Bacellar divaga sobre os diversos termos e origens para se referir às mulheres lésbicas:

Veja por exemplo o termo “entendida”. Ele tem a vantagem de ser brasileiro, criado por nossa cultura em lugar de traduzido de outra língua. Mas nasceu nos guetos das grandes cidades dos anos 70, quando ninguém ousava se definir abertamente e precisava de um código para se fazer “entender”. Entendida em quê? Nos lugares recônditos onde as pessoas sem nome se reuniam, em secreta resistência à ditadura das ideias e dos costumes. É uma imagem de coragem – afinal, a ditadura existiu e perseguiu mesmo quem era diferente da norma – mas também lembra o subterfúgio, a preferência pelo esquivar-se a assumir uma identidade pública e natural. Temos, claro, “sapatona”, também abreviada para “sapa”, usadíssimas mas que dificilmente se poderiam chamar de elegantes. (BACELLAR, 2010, Pág.194 e 195.)

Compreendendo o atual cenário político, no qual a intolerância se mostra cada vez mais estruturada, bandeiras verde e amarela são hasteadas em janelas, carros, bancos, supermercados, forneço aqui um espaço, breve momento de reflexão sobre determinada palavra demasiadamente usada nas redes sociais nos últimos anos, que é a palavra Sáfica, distinguindo mulheres que se relacionam com mulheres, seria esta mais uma forma de esquivar-se? Polir a palavra lésbica ou sapatão, faço aqui então um repúdio a todas as formas de camuflar a história e peso que tomam estas palavras.

Entendendo que o governo atual flerta com a ditadura, em falas, divulgações por todas as redes sociais, deveríamos nós lésbicas fazer ponte com nossas antepassadas que sofreram e tiveram como última opção, em forma de sobrevivência, usar codinomes para se autodesignar? Isso seria lubrificar os sistemas de repressão cinquenta e sete anos depois de um regime autoritário. Não me refiro a aquelas que não podem escolher entre se assumir e viver, ou que vivem em periferias e se escondem atrás de palavras não ditas, digo isto em nome daquelas que têm o poder da escolha e mesmo assim apagam a história convergindo para o esquecimento.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46
Jul/Dez 2021
e-ISSN: 2179-8001

Somos criadas ouvindo horrores sobre “viados” e “sapatonas”, e levadas a crer que “lésbica” é um palavrão que não se diz em sociedade. Claro que ficamos então tímidas em nos descrevermos assim, sentindo mais que pensando na rejeição implícita de nossa família. Mas vamos utilizar agora a cabeça que a grande deusa nos deu e tentar abandonar o que não serve mais dos preconceitos de nosso passado. A palavra “lésbica” deriva do nome da ilha de Lesbos, onde a poeta Safo teve sua escola, a única de que se tem registro na Antiguidade voltada para a educação de moças. Safo foi elogiada por Platão como a décima musa, sendo tida como a inventora da poesia romântica. Descreveu com lirismo sua atração sensual por mulheres e conquistou respeito e admiração na sociedade extremamente machista da Grécia do século 5 a.C. “Lésbica” é portanto o termo referente à homossexualidade de origem mais antiga ainda em uso, sendo clássico, sem subterfúgios e preciso. Descreve apenas mulheres, não foi apropriado pela psicologia, e evoca a imagem de uma bela ilha grega onde uma mulher corajosa ensinou e dedicou poesias a outras mulheres. Digo-me lésbica com orgulho e você? (BACELLAR, 2010, Pág.197.)

Diante das centenas de palavras a se nomear uma mulher lésbica, abro aqui um segundo momento enumerando as demais palavras de meu conhecimento: Sapatão, Fancha, Sapa, Entendida, Butch, Do Bonde ou Brejo, Dyke, Caminhão, Caminhoneira, Bolacha, Dykona, Hari, Preula, Tuxa, Sáfica, Racha, Cola-velcro, Safista, Fessureira, e Lesbiana.

Lidar com uma palavra é uma questão de referencial, não seria qualquer mulher lésbica que se ofenderia com o vocativo sapatão. Isso se dá de acordo com o sujeito enunciador e o contexto em que se refere. Assimilando os termos e resistências, acata-se o poder das palavras sapatão e lésbica. Diga-se de passagem que o elogio de Platão não me comove, mas os cânones são ouvidos e reverenciados, sendo assim honro a ela, Safo.

Lanço o olhar a algo ainda inalcançável de se tornar flexível, o atual momento, sensibilizada por tamanha violência, em pleno mês em que se celebra a diversidade midiaticamente, junho, foi sentida a necessidade de ressoar o crime dentro do convite feito pela Sala Edi Balod. Em desacordo com tal gesto, optou-se por tatuar a palavra sapatão em minha coxa, voluntariamente. Deste modo, lidamos com visibilidades possíveis para gestos que possuem para alguns de cunho pejorativos. Talita Trizoli no artigo “O Feminismo e a Arte Contemporânea - Considerações”, constrói-se o pensamento sobre a influência do movimento feminista na arte contemporânea, em um trecho dialoga que:

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46
Jul/Dez 2021
e-ISSN: 2179-8001

No âmbito artístico, o gênero loca-se no processo de questionamento da grande presença de nomes masculinos na História da Arte, no mercado de arte, e na inserção midiática das recentes temáticas contemporâneas, ou seja, as poéticas intimistas, sexuais e subjetivas. Tal processo antropofágico desvalidou a misoginia por trás dos grandes mestres, escolas e ismos, trazendo à tona o caráter elitista e segregador do meio. O gênero, e, posteriormente, o feminismo, criaram, assim, pontes de diálogo com o universo feminino dentro do universo artístico, até então estritamente masculino. Durante grande parte da história da arte ocidental, as mulheres figuravam como musas ou assistentes e não como artistas criadoras. (Trizoli, 2008, pág.1497.)

Obtendo a ideia de realizar a tatuagem, partimos em busca de uma tatuadora que pudesse realizar a performance no espaço expositivo em que fomos convidadas. Entendendo que sairíamos de Florianópolis até Criciúma, viagem de três horas e claro em momento pandêmico, se passaram alguns dias até que em ressonâncias e amigas em comum, conheço ao que seria a tatuadora de nosso trabalho, compreendendo a ideia de que a tatuagem deveria ser efetuada por uma mulher lésbica, todas as brechas se completaram. E começamos a desenvolver o trabalho como um todo para além do gesto do uso da palavra em si.

Fricção sobre a pele

A ideia do trabalho *Velcro* é construída em dois momentos, o trabalho performático do ato de tatuar que foi projetado no mesmo local no qual filmamos, na sala Edi Balod, em sentido da metalinguagem com o próprio local. As imagens revezam entre o foco da palavra sapatão sendo tatuada, e o grande plano da sala, em que se mostra a câmera, o ato e as expressões.

Conforme o trabalho foi se desenvolvendo, consolidamos a ideia com um todo, com a construção de duas luvas, que em suas palmas obtivessem o aviamento de velcro. A concepção da obra baseou-se em duas mulheres frente a frente, sendo que cada uma utilizaria uma das luvas e iria interagir com o material. Em caráter performático de fazer alusão ao sexo entre mulheres lésbicas, e a expressão popular “colar velcro”²

Neste momento já tínhamos conciliado a ideia dos dois trabalhos, que mesmo que não tratassem do mesmo conceito, sua primeira vontade convergiam, o ato de repúdio sobre a homofobia e poder ser quem se é.

Lívia Auler, escreveu no artigo “Mulheres que amam mulheres: uma investigação na história das artes visuais”, a fim de indagar a produção de artistas mulheres que direcionaram sua obra para as questões da lesbianidade.

2- “Colar o velcro”, uma expressão popular que é utilizada para se referir ao ato sexual entre mulheres. A conotação com o velcro faz referência ao contato que há entre os pelos pubianos das mulheres durante o sexo.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46
Jul/Dez 2021
e-ISSN: 2179-8001



Figura 1. Registro do vídeo performance *Sapatão*, 2021. Fotografia Digital. Fonte: Acervo pessoal da artista.

A mulher lésbica, mais especificamente no campo das artes visuais, pode ser considerada, portanto, duplamente invisível: primeiramente por ser mulher e, ainda, por se relacionar afetiva e sexualmente com outras mulheres. Ela não está conectada, de diversas formas, aos homens e, por isso, pode ser condenada a uma enorme marginalidade. Apesar disso, são muitas as mulheres que se relacionavam com outras mulheres e, mesmo com poucos registros, algumas delas deixaram rastros – alguns mais explícitos e outro menos – que atualmente podem ser revistos e reinterpretados. (AULER, 2018, Pág. 2 e 3).

O trabalho *Velcro* se coloca como um toque de afeto em meio a tanta criminalidade destilada ao público lésbico. A palavra *sapatão* converge com o som de velcro em sincronia com o toque das mãos. O ato de gravar a palavra *sapatão* na pele, tem caráter de registro, o corpo se manifesta como documento a ser inserido na história lesbiana das artes visuais.

As luvas e o ato de marcar ou escrever convergem na fricção, que é um tipo de força que está presente quando duas superfícies entram em contato. Penso que esse espaço no qual se mesclam por instantes é resultante de uma simbiose de materiais, ou até mesmo na esfera ficcional dos sentimentos, atribuo aqui a possibilidade de dar intenção ou sentimento às práticas de fricção nos demais trabalhos.

A organização do evento se estruturou em doze dias, nos quais eram divididos a ser apresentados em uma obra por dia.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46
Jul/Dez 2021
e-ISSN: 2179-8001



Figura 2. Registro das luvas da obra Velcro, 2021. Fotografia Digital. Fonte: Acervo pessoal da artista.



Figura 3. Convite digital para a exposição *Parece se Tratar de Arte*, 2021. Flyer Digital. Fonte: Instagram Sala Edi Balod. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQ11A63HJo2/8>

Violeta Sutili e Leila Pessoa

15/06

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46
Jul/Dez 2021
e-ISSN: 2179-8001

A plataforma no qual se divulgou e se expôs foi a rede social instagram, sendo assim, o público poderia comentar, compartilhar, e até mesmo ver depois a performance que foi registrada ao vivo.

O primeiro plano, desta exposição, *live* ou como se queira nomear, se deu em uma segunda performance, neste caso ao vivo, realizada por colaboradoras da Sala, no qual as duas vestem as luvas, e fazem gestos com as mãos em busca de maior fricção entre elas.

O som da obra advém da trilha sonora do vídeo *Sapatão*, no qual incisivamente ouvimos o som de velcro sendo tensionado entre si, do começo ao fim da performance, momentos mais tranquilos e mais intensos. A dança das mãos, podemos tratar assim, vão acompanhando o som do espaço, até que em seu auge de estrondo a luva se desfaz, espalhando o velcro e descolando-o de seu local inicial, dando fim a performance.

Referências

- AULER, Livia Bittencourt. Mulheres que amam mulheres: Uma Investigação na história das Artes Visuais. In: *VII SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, DO SEMINÁRIO INTERNACIONAL CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE E DO LUSO-BRASILEIRO EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE, GÊNERO, SAÚDE E SUSTENTABILIDADE*, VII e III. .2018, Rio Grande . Anais eletrônicos: organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro...[et al] Rio Grande : Ed. da FURG, 2018. Disponível em: <<http://www.7seminario.furg.br/p.>>.
- BACELLAR, Laura. "A Palavra lésbica". In: BACELLAR, Laura; FACCO, Lúcia; KORICH, Hannah (Org.). In: *Frente e verso: visões da lesbiandade*. 2010, São Paulo: Malagueta.
- TRIZOLI, Talita. O Feminismo e a Arte Contemporânea - Considerações. *17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Panorama da Pesquisa em Artes Visuais*. Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://anpap.org.br/anais/2008/artigos/135.pdf>>.



Leila Pessoa Bechtold

Mestrando do PPGAV-UFRGS. Artista, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, em minha pesquisa visio ressoar estudos lesbianos, assim como a vida e obra de Cassandra Rios na perspectiva das Artes Visuais. Busca refletir entre os temas transversais com a arte/vida e autobiografia em seus projetos, me utilizo também da memória como dispositivo para repercutir vivências, com caráter biográfico. Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, durante a graduação permeou plasticidades nas quais a escrita e a autoescrita se fizeram presentes.

Como citar: BECHTOLD, Leila Pessoa. Fricções entre a obra Velcro: Visibilidade lesbiana nas Artes Visuais. *PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais*, Porto Alegre, RS, v. 26, n. 46, jul-dez. 2021. ISSN 2179-8001.

Doi:<https://doi.org/10.22456/2179-8001.118963>.
